

	SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO LINGÜÍSTICO E CULTURAL DE POVOS INDÍGENAS TRANSFRONTEIRIÇOS E DE RECENTE CONTATO NA REGIÃO AMAZÔNICA PROJETO 914BRZ4019 EDITAL Nº 007/2019 Parceria LABHOI-Museu do Índio <i>Os primeiros 30 anos de contato dos Arara de Cachoeira Seca por eles mesmos</i>
Transcrição:	Local: Terra indígena Arara de Cachoeira Seca, Aldeia Iriri Data: 14/10/2019 – Primeira Viagem Entrevistado: Cacique Mobu-Odó. Nome do arquivo: 023_191014_1114B0.MP3
Participantes:	Mobu-Odó, Milton Guran e Ana Maria Mauad.
Duração:	42:18
Legenda:	Colchetes usados para indicar: 1. Reações dos participantes. Exemplo: [Risos]; [Choro]; [Aplausos]; etc. 2. Ruídos externos. Exemplo: [Cachorros latindo]; [Campainha]; etc. 3. Trechos incompreensíveis na gravação que não puderam ser transcritos. Exemplo: O nome do fotógrafo era [?] Moreira de Souza.

Entrevista Cacique Mobu-Odó - 023_191014_1114B0.MP3 – Primeira Viagem.

Duração: 42:18

Legenda:

CM: Cacique Mobu-Odó

MG: Milton Guran

AM: Ana Maria

[00:00:01] MG: São as coisas e tudo, não é uma entrevista grande demais, tá? É uma entrevista assim, concisa.

[00:00:07] AM: Repete o que você falou.

[00:00:09] MG: Já está gravando?

[00:00:10] AM: Não, ainda não, vou botar agora.

[00:00:13] MG: Tá.

[00:00:13] AM: Repete o que você falou só, o tipo de entrevista que você vai fazer.

[00:00:16] MG: Sim, vou, mas vou repetir gravando, né?

[00:00:19] AM: É, eu to gravando já.

[00:00:20] MG: Não, mas eu queria gravar no meu.

[00:00:22] AM: Já está gravando, vai lá.

[00:00:23] MG: Tá gravando?

[00:00:23] AM: É.

[00:00:24] MG: Então hoje é 14 de outubro, a gente está na terra indígena de Cachoeira Seca, não é? Aqui na beira do Iriri. Eu, Milton Guran e a professora Ana Maria Mauad, do LABHOI, nós vamos fazer uma entrevista com o cacique Mobu-odó, dentro do projeto de salvaguarda da cultura e do patrimônio indígena, convênio da UNESCO com Museu do Índio, o projeto é "Os Primeiros 30 Anos de Contato dos Araras de Cachoeira Seca Contado Por Eles Mesmos". Mobuodu, muito obrigado, em primeiro lugar muito obrigado por nos receber aqui na aldeia, a mim e a professora. Muito obrigado por ter nos ajudado na articulação com as lideranças, na organização da oficina. Muito obrigado por ter acompanhado todo o começo da oficina e por aparecer na oficina de vez em quando, pro pessoal ver que o cacique prestigia, isso é muito bom. E essa entrevista que a gente vai fazer é uma entrevista assim, bem sintética, assim, concisa, porque a gente quer produzir um documento de memória pra ficar junto com o resto dos documentos lá na, no Museu do Índio. Então queria que você, por favor, nos contasse como é que você se tornou cacique.

[00:01:59] CM: Ah, isso aí é geração, geração do pai pro filho.

[00:02:05] MG: O seu pai como é que se chamava?

[00:02:07] CM: Gugu.

[00:02:08] MG: Gugu, e o Gugu era o cacique?

[00:02:10] CM: Cacique geral da aldeia.

[00:02:12] MG: Cacique geral da aldeia. E agora você é o cacique geral da aldeia?

[00:02:17] CM: Aham.

[00:02:17] MG: E você tem um segundo cacique?

[00:02:20] CM: Tenho.

[00:02:20] MG: Você pode me repetir o nome do segundo cacique?

[00:02:23] CM: Tiamit.

[00:02:25] MG: O Tiamit ele também é de geração, de segundo cacique?

[00:02:30] CM: É não, é da confiança.

[00:02:32] MG: É da confiança sua?

[00:02:32] CM: É.

[00:02:33] MG: Você indicou ele, aliás ele é uma pessoa assim, éh, muito amigável, interessada, eu fiquei muito feliz de conhecer ele lá.

[00:02:47] CM: Aham.

[00:02:47] CM: Então, e qual é a função que tem um segundo cacique, assim, alguma coisa de especial, algum setor que ele cuide ou ele só é o assessor seu o tempo todo, como é que funciona isso?

[00:02:58] CM: Assim que funciona, eu sou o primeiro, tudo o que ele vai fazer ele me comunica, "ó, cacique, esse aqui vai ser assim, assim, assim", nós estamos juntos, nós somos um só. Aí pra mim não existe segundo e primeiro, nós somos um só, quando eu estou na cidade ele me comunica, "ó, tá acontecendo isso, eu tenho que fazer isso, por onde eu tenho que fazer isso". Aí ele tudo pede minha permissão para/ quando a equipe chegou tem as coisas que chegou aqui do PBA, "como é que eu vou dividir?" Aí eu falo tudinho, aí ele faz do jeito que eu falar. Aí só que aqui, quando eu saio, to ficando mais na cidade agora, porque a situação aqui tá muito difícil, nós dois ficava aqui na aldeia, aí ninguém brigava por nós lá na cidade, nós ficava só esperando e esperando, mas nunca dava certo. Aí foi um dia o Arapuca, que é, já foi cacique também, ele falou

assim pra nós, "ó, um vai ter que ficar na cidade e um outro aqui, porque nós não tem informação de nada, nós só aqui, vocês dois aqui, cacique só aqui na aldeia também, nós vamos ter que deixar um na cidade pra poder passar informação pra nós que o que tá acontecendo na cidade". Porque nós tem um empreendimento que é muito grande, que é barragem, que nós tem que tá todo o tempo na reunião, aí eu passei, quando chegou esse empreendimento eu passei muitos dias aqui, mas só que toda semana era reunião na cidade, ia e voltava, ia e voltava.

[00:04:34] MG: E é longe e é caro ir na cidade, muito combustível.

[00:04:36] CM: Aí ele falou assim "não, é melhor tu ficar na cidade, o que nós puder nós te ajuda". Só que é difícil ele diz, então ele falou assim, "rapaz, tu vai querer ficar na cidade? Porque as coisas é muito diferente daqui". Eu sei, aí conversei com mulher, aí ela disse que "eu não vou poder ir", ela disse, mas nós tem que ir, pessoal tá pedindo e nós vamos ter que ir pra cidade, pra ajudar nosso povo, então se nós só ficar aqui esperando ninguém briga por nós por lá, então o que o nosso povo tá pedindo nós tem que obedecer, agora, se tu não quiser ir tu fica, eu vou ficar na cidade. Aí foi, com o tempo ela, também fala "só se eu ficar, eu não posso ficar parada na cidade". Aí nós foi, vamos na cidade, voltemos de novo, fizemos reunião, aí foi que ela dizia, "rapaz, vou fazer técnico", aí pessoal disse "não, tá bom", vocês fica lá, sua filha vai pra lá e os dois fica aqui, que já são de maior e nós cuida. Mas só que é difícil.

[00:05:48] MG: É, mas é um momento assim, que tá forte, né? Muita coisa acontecendo e tudo. Mobu-odó, éh, terminou aqui a construção das escola, né? Da enfermaria. E como é que você vê essa, o desenvolvimento disso? Esse mês vai entregar a escola pra vocês. Quem é que vai ser o professor? Explica pra nós um pouco, como é que vai funcionar a escola agora.

[00:06:21] CM: Ah, isso aí é muito mais complicado, porque nós somos índios, nós vamos querer professor aqui, professor do, da, fundamental, não tem? E nós não vamos conseguir trazer eles, não sei como que nós vamos fazer isso. Mas de pessoa de, pra nós contratar aqui dentro tem que ser de nós mesmo, não tem que ser pessoa de fora.

[00:06:43] MG: É, porque...

[00:06:44] CM: Assim, pra faxinar a escola, pra vigiar a escola, aquelas coisas simples. Agora, a secretária, coordenador, nós tem que, nós tem que ver como nós vamos fazer, porque nós não sabe ainda, vai ter que, não tá fácil.

[00:07:01] MG: Não tá não. O Bonitinho é professor de criança pequena, né?

[00:07:05] CM: É.

[00:07:05] MG: Quer dizer, então o Bonitinho ele já vai cui/ já vai ensinar ali na escola criança pequena.

[00:07:09] CM: Já, já vai ajudar a escola no obrigação dele.

[00:07:12] MG: Aí depois vai ter que vir professor pra criança grande.

[00:07:17] CM: Aham.

[00:07:17] MG: E isso não está resolvido ainda.

[00:07:19] CM: Não tá resolvido, mas tá caminhando, já vai, me disse assim, rapaz, ele vai fazer prova do Enem, se passar ele vai pra coordenação da escola.

[00:07:29] MG: O Bonitinho?

[00:07:31] CM: É, se ele tá pensando.

[00:07:32] MG: Ele está estudando pra fazer a prova?

[00:07:35] CM: Ele está, ele diz que pegou tudo na papelada agora, liguei hoje pra ele.

[00:07:40] MG: Bonitinho ele é esforçado, inteligente.

[00:07:42] CM: Dia de prova eu vou...

[00:07:46] MG: Me diz uma coisa aqui, andando um pouco pra trás, éh, você já me falou isso já uma vez, mas assim... nós vimos um retrato bonito seu, de 87, que está o Gugu, a sua mãe, você, quando vocês chegaram aqui no posto, sentados. Conta pra nós, rapidamente, éh, do que você lembra dessa época, você lembra o dia que vocês vieram pro posto?

[00:08:17] CM: Lembro.

[00:08:18] MG: E aí, como é que foi?

[00:08:19] CM: Só que esse tempo eu não lembro muito bem, porque eu era muito medroso mesmo, [risos], meu pai brigava até quando eu fui tomar vacina, parece que era vacina, aí eu vi pessoal me furando, aí eu arranquei a agulha e saí correndo com a agulha no braço.

[00:08:37] AM: Ah meu deus.

[00:08:38] CM: Aí o pessoal correndo atrás de mim, mas pra mim era pra fazer maldade. Aí meu pai falava, "não, não é isso". Aí eu lembro muitas coisas, tinha uma casa pra ali não era?

[00:08:50] MG: Tinha.

[00:08:50] CM: Só que mudou muito mesmo [?]

[00:08:52] MG: Mudou, a mangueira caiu.

[00:08:53] CM: Aí a casa de atração era ali, que tinha miçanga, banana, peixe, não tinha um bocado de coisa assado, banana madura de pendurar, panela, essas coisas tudo, tinha uma casa própria, pra ali, não era?

[00:09:09] MG: É, tinha sim. Aí o pessoal da frente de atração foi indo cada um para um lado, quem ficou aqui foi o Afonsinho, Paulo Lopes, Geraldo, né?

[00:09:21] CM: Foi. Aí não final mesmo, meio que quem ficou foi Afonsinho e Geraldo, só eles dois ficaram. Aí eles que cuidava de nós, nós não sabia nem fazer as coisas do branco, assim, caminhando, caminhar sozinho, não tem pra, pra conseguir as coisas, porque o pessoal foram embora, Afonso que fazia tudo. Que nem a gente falou, ele pegava aposentando e ia pra Altamira, fazia compras e voltava pra aldeia. Aí todo o problema que acontecia era ele que resolvia pra nós, nós não tinha nem que se envolver porque nós não sabia do que se tratava. Então isso aí, depois quando eles saíram daqui, rapaz, mas nós sofremos demais.

[00:10:14] MG: É.

[00:10:14] CM: Sofremos demais, não ficou nenhum da FUNAI pra, pra cuidar de nós aqui, porque aquele momento, aquele momento que eles estavam aqui passou e depois governo tirou todo mundo de uma vez só, tirou chefe de porto, aí tirou os funcionários dele que não podia, nesse tempo ele falou que não podia ter mais chefe de porto, porque os índios já era, assim, já se cuidava só.

[00:10:43] MG: É, isso não era verdade, o Afonsinho sofreu muito com isso.

[00:10:48] AM: É sobre isso que eu ia te perguntar, Mobu-Odó, éh, quando vocês chegaram, éh, vocês, pelas fotos a gente viu que vocês chegam e depois vocês vão embora.

[00:11:03] CM: É, foi um bocado de vezes isso, não foi Milton?

[00:11:03] MG: Foi.

[00:11:04] AM: Aí, ah, então vocês foram e voltaram?

[00:11:07] CM: Aham.

[00:11:08] AM: E aí quando vocês ficaram de vez aqui, já tinha a casa e o chefe de posto morando?

[00:11:18] CM: Não, só as casas do chefe de posto.

[00:11:21] MG: Pera aí, deixa eu dizer uma coisa. Esse aqui é uma ocupação muito antiga, você vê pelas mangueiras, são mangueiras de 80 anos. Então quando a FUNAI isolou a área, o posseiro que estava aqui saiu. Aí se instalou aqui um posto de vigilância do Iriri e lá dentro um posto de atração. Quando/ aí no posto de atração ele dava os presentes, lá em cima. Aí quando eles começaram a vir aqui pela primeira vez, que foi quando a gente fez as fotografias, eles foram embora, mas eles foram embora só um pouquinho, eles estavam acampados aqui do lado. Eles pararam de perambular, desceram aqui, só que tem que no começo eles não dormiam aqui, eles dormiam ali do lado.

[00:12:09] CM: Era, era isso daí.

[00:12:09] MG: Tinha um acampamento ali do lado, não é isso Mobu-odó?

[00:12:12] CM: Era isso mesmo.

[00:12:12] AM: Ah, então, e aí, depois quando vocês vieram, se instalaram aqui, vocês construíram a aldeia?

[00:12:20] CM: Não, foi nós junto com o pessoal da FUNAI.

[00:12:25] MG: Como é que eram as casas?

[00:12:26] CM: De palha.

[00:12:28] MG: Parecida com aquela casa da filha da Onatchodó?

[00:12:32] CM: É, parecida.

[00:12:33] MG: Parecido com aquela?

[00:12:33] CM: Só que era grande, tudo grande.

[00:12:35] MG: Sei, era palha até o chão, teto de palha assim.

[00:12:39] CM: É, isso mesmo.

[00:12:39] MG: E era lá naquele lugar mesmo?

[00:12:42] CM: Não, era bem aqui pra cá, ó.

[00:12:44] MG: Pra cá.

[00:12:44] CM: Atrás da farmacia ali.

[00:12:46] AM: Ah, era [?]

[00:12:48] MG: É, que era pequeninha.

[00:12:50] CM: Aham, era pequeninha.

[00:12:50] MG: Naquela época eram 30, 30 pessoas. Agora cresceu, cresceu, são 110.

[00:12:56] CM: Aham.

[00:12:56] AM: E nessa época que vocês já construíram a casa, como é que vocês faziam, vocês, pra se alimentar, éh, como era o trabalho, a vida cotidiana da aldeia?

[00:13:06] CM: Assim mesmo, porque nós faz assim, nós não tem geladeira, nossa geladeira é nosso rio, rio amado. Então nós tira um dia antes de começar trabalho, nós

pega todos os guerreiros aí vai caçar, aí no outro dia ou põe no sal ou assa comida pra comer no dia do trabalho, do descanso.

[00:13:31] AM: Aham.

[00:13:31] CM: Aí esse dia a gente trabalha, trabalha e aí acaba a comida, aí tira esse dia de novo, vai caçar e pescar, aí a gente vai trabalhar de novo, aí come durante dois dias, três dias. Aí é assim que vai levando.

[00:13:49] AM: É, aí, éh, já vou parar de perguntar, que depois eu devolvo pra ele. Vocês viveram assim durante muito tempo aqui.

[00:13:57] CM: Muito tempo.

[00:13:57] AM: Muito tempo. E com o chefe de posto da FUNAI...

[00:14:01] MG: O Afonsinho.

[00:14:01] AM: O Afonsinho. Você lembra quando chegou a empresa Norte Energia, você lembra?

[00:14:09] CM: Não, eu lembro muito bem, foi nós mesmo que foi montar, na primeira vez eles chegaram, explicar como era, só no papel mesmo, eles chegaram aqui na nossa aldeinha, era ali, aí eles chegaram assim, dando palestra, não tem de barragem? Como que era, como que ia ser. Aí eles disseram que precisava, que governo precisava fazer esse barragem, só que ia, assim, interferir muito no costume de vocês, rio vai ficar diferente, vai mudar comportamento do peixe, vai mudar comportamento da caça, vai vir muito invasão. FUNAI que falava assim pra nós, eles mesmo não. Aí eles chegaram junto com o pessoal da FUNAI, aí nós fizemos reunião separado. Aí depois eles disseram, pessoal da Norte Energia falava e FUNAI falava depois. Aí então a Norte Energia fala assim, "ó, vem muita coisa boa pra vocês, vai vir coisa ruim, mas vai vir coisa boa também, a gente vai disponibilizar pra vocês 30 mil reais por mês, em dinheiro mesmo. Aí situação de vocês não está boa porque vocês vão ter que..." Só que eles deram proposta deles muitos anos pra nós, acho que foi durante muito tempo, aí nós sempre falava, "não, nós não pode ocupar", fazia, ocupava FUNAI, nós brigamos durante muito tempo, contra a barragem. Mas só que chegou um dia, parece que foi 2005 parece, 2006, por aí, aí eles chegaram mesmo com força pra nós. Nós tudinho fomos contra a barragem, até último, mas aí tava todo mundo, nós tudinho da etnia toda tava reunida em Altamira. Aí eles chegaram, nós invadimos [?], ocupamos a FUNAI, lá de Altamira. Aí eles disseram que nós ocupamos, disse que ia botar polícia pra desocupar ali, nós falamos, "não, não sai não. Nós não sai porque esse projeto é muito ruim pra nós". Aí eles foram convencendo nós, devagar, devagar.

[00:16:31] AM: E o que você acha hoje, disso, da presença deles aqui?

[00:16:36] CM: É, eu acho assim, porque nós fomos enganados, nós não fomos, nós não foi, eles não chegaram assim pra nós, nós fomos enganados, que nem eu não acabei de terminar a história.

[00:16:49] AM: Ah, conta.

[00:16:49] CM: Aí então eles disseram assim, proposta que deixou nós, assim, aceitar barragem foi proposta que eles trouxeram, não sei como eles conseguiram, não sei se FUNAI repassou pra eles. Aí eles falaram assim, "olha, nós tamo sabendo que tem duas prioridades aqui dentro e vai ser um dos condicionantes esse demarcação do Cachoeira Seca mais Piterel". Aí chegaram com essa proposta pra nós, aí...

[00:17:21] MG: E a desintrusão.

[00:17:23] CM: Tudo legalizado, só podia funcionar barragem com tudo legal a área, os dois. Aí chegou, aí pessoal tudinho, nós caciques repassamos pro gente da aldeia, pra Chiquinho, pra Paraponã, pra todas as etnias nós passamos. Aí nós fizemos uma assembleia grande, só nós mesmo caciques. Aí eles disseram, "rapaz, essa proposta de vocês é boa, vocês quer viver em paz e nós do jeito que nós quer, que nós estamos hoje, com terra demarcada, tudo desintrusada nossa área, aí então nós vamos querer vocês também feliz com a área de vocês demarcada. E a única pessoa que vai demarcar é esse empreendimento, porque eles têm muito dinheiro e nós vamos ter que aceitar barragem pra poder fazer isso", eles disseram. Eu falei, "e aí, o que vocês acham?" Eles disseram, "não, nós aceita, porque proposta deles é boa".

[00:18:28] MG: Mas não aconteceu.

[00:18:29] CM: Aí não aconteceu, isso que nós/ por isso que eu falo, nós fomos enganados.

[00:18:33] AM: Ah, entendi.

[00:18:35] MG: Porque a área continua invadida.

[00:18:35] CM: Aí depois disso foi duas lideranças pra Brasília montar esqueleto do PBA. Esse PBA foi escrito por nós mesmo lá em Brasília, nós que montou esqueleto dele, botemos o que nós precisava, como é que era pra funcionar as coisas, tudo que tinha que ser cumprido. Nós não tem, nós não falemos, "ó, o homem não tá em cima de vocês cobrando o que não é de vocês não, nós vamos cobrar só o nosso direito que tá dentro do PBA". Mas só que eles, com ansiedade de fazer barragem, eles "não, tá bom, vocês que vão mandar no PBA de vocês". Mas hoje eu to vendo que não é bem assim, eles é que manda, só fazem as coisas na hora que eles querem e se quiserem. Que nem agora que nós não temos nenhuma atividade produtiva funcionando, nós não tem nada, nós só tem geração de renda, geração de renda não, subsistência.

[00:19:33] MG: Subsistência, é.

[00:19:34] AM: É.

[00:19:34] CM: Aí esse aí nós faz todo dia, nós mesmo fala pra eles, "ó, peixe, farinha pra nós comer nós tem, que nós faz, as coisas de nós comer nós tem, agora nós precisa de geração de renda, pra manter nosso povo".

[00:19:49] MG: Agora, PBA vêm aí agora né? Pessoal do PBA.

[00:19:54] CM: Aham.

[00:19:54] MG: E a FUNAI vem junto também?

[00:19:55] CM: Eu acho que vem.

[00:19:55] MG: Vem né? E aí vai discutir, e eles vão ficar quanto tempo aqui na aldeia, você sabe?

[00:20:02] CM: Uns 15 dias.

[00:20:04] MG: Uns 15 dias, pra organizar tudo, né?

[00:20:06] CM: Não, não organiza não, é só pra [é assim mesmo] sempre, nós já estamos com 6 anos de PBA, nada foi feito.

[00:20:16] AM: Como é que você gastam esses 30 mil reais que eles...

[00:20:20] CM: Nós não têm mais não, foram tirando, tirando e não existe mais não.

[00:20:23] AM: Não?

[00:20:24] CM: Não existe mais não, só...nós não alcançou nem PBA, foi no plano logo no início, no Plano Emergencial.

[00:20:33] MG: Eles tiraram os 30 mil, não dão mais?

[00:20:35] CM: Tiraram os 30 mil, tiraram tudo.

[00:20:38] MG: Eles não dão gasolina, não dão nada?

[00:20:40] CM: Não, gasolina ficou.

[00:20:41] AM: O quê que ficou?

[00:20:44] CM: Rapaz, ficou a gasolina, que nós recebe por mês, alguma manutenção de motor também, quando quebra. E outra coisa, nós têm programa de rádio também que ficou, pra comunicar o pessoal.

[00:21:02] MG: Gasolina pra ir para a cidade?

[00:21:03] CM: Aham. Aí, agora nós estamos, ficou esse, éh, o PBA também do projeto de atividade produtiva.

[00:21:16] AM: E como você negocia o que vocês precisam com a...

[00:21:22] CM: Não, eu só levo demanda da comunidade.

[00:21:24] AM: É.

[00:21:24] CM: Quando comunidade fala, "ó, isso aqui nós precisa disso, disso e disso". Mas só que o pior de tudo, a gente faz tudo detalhado aqui o que nós vamos querer, aí quando chega lá eles vão pra revisão deles, aí quando chega nós aqui nós não pode porque é muito caro. "Isso aqui nós não pode fazer, esse aqui nós não pode fazer".

[00:21:44] MG: Não pode fazer nada.

[00:21:44] CM: Aí só fica aquelas coisinhas pequena, que é semente de melancia, semente de milho. "Isso aqui nós não pode fazer".

[00:21:52] AM: E qual atividade produtiva vocês queria fazer aqui?

[00:21:57] N/A: Geral.

[00:21:57] AM: Geral?

[00:21:58] CM: Nós tem esse trator aí, ninguém conserta quando quebra, a gente mesmo tem que tirar do bolso e pagar, a comunidade paga. Mas só que hoje, se quebrar ela se estraga, porque nós não têm nenhum recurso pra manter. Aí esse PBA nós tinha, no projeto do PBA nós tem 100 cabeça de gado pra gente tocar geração de renda, só que não foi aprovado pela FUNAI. Nós têm plantio de cacau também, dentro do PBA, dentro da atividade produtiva, só que não foi aprovado também. Aí nós temos aviário, que é pra criar os aves, galinha, aí nós...também não foi aprovado, só pra gerar subsistência.

[00:22:53] MG: É, é porque...entendi. Me diz uma coisa, Mobu-Odó, posso mudar de rumo?

[00:23:01] AM: Pode, pode.

[00:23:01] MG: Aqui na área de vocês eu vi que tem a estrada de Maribel. Maribel está dentro da área, né?

[00:23:08] CM: Tá, e cortou [?] no rio.

[00:23:10] MG: Têm muita gente instalada lá, aquele pessoal todo devia sair né? Até hoje não saiu.

[00:23:16] CM: Aham.

[00:23:17] MG: Têm muita igreja da Assembleia de Deus, tudo. Essa igreja que têm aqui, ela é ligada aquele pessoal de Maribel?

[00:23:26] CM: Não, não.

[00:23:26] MG: É outra coisa?

[00:23:26] CM: Essa igreja é de São Paulo.

[00:23:28] MG: Ah, a igreja é de São Paulo. Aí, como é que a igreja se instalou aqui, como é que aconteceu isso? Porque quando, essa igreja ela é antiga, ela tem mais de um ano que ela está construída aí, né?

[00:23:41] CM: Aham.

[00:23:41] MG: E agora é que o pastor está vindo mais frequentemente, eu acho, né?

[00:23:45] CM: É.

[00:23:45] MG: Porque ele construiu uma casinha pra ele ali. E qual é a atividade que o pastor faz aqui?

[00:23:53] CM: Atividade que nós, ele faz atividade de pregar, ensinar música pra nós, tocar. Porque nós não era assim, nós era tudo contra o outro também aqui, nosso trabalho nunca batia um com o outro, professor com as comunidades, aí nós pedimos, "rapaz, nós não estamos bem não", nós mesmos conversa assim, era gente furando o outro aqui dentro, era gente dando paulada no outro aqui dentro. Aí eu falava, "rapaz, nós tem que dar jeito, porque não pode ser assim, ainda mais nós somos tudo parente".

[00:24:35] MG: É.

[00:24:35] CM: Aí eu falava, rapaz, filho meu, sentei com todo mundo, rapaz. Só que pessoal bebia demais, hoje alguns bebem, todos bebem. Aí então eles batizaram tudinho, eu me batizei.

[00:24:49] MG: Pastor batizou todo mundo?

[00:24:52] CM: Todo mundo. Aí foi que o pessoal foram vendo, foram vendo, aí foram, foram acalmando. Aí nós [?] aí de primeiro quando não tinha nada, nós era assim. Aí nós falava, "rapaz, como é que nós vamos fazer, pra acabar com isso?" Aí pessoal foram, "rapaz eu acho que nós não têm nem igreja aqui na aldeia, por isso que eu acho que nós estamos assim, um contra os outros". Aí surgiu de nós mesmo, "rapaz, nós estamos vendo a hora pra gente matar um ao outro aqui e isso nós não quer". Mas pra convencer eles, se tu pensa que foi assim de uma hora pra outra, não foi não.

[00:25:35] MG: E aí como vocês acharam o pastor, foi o pastor que achou vocês?

[00:25:39] CM: Não, nós que procuramos o pastor.

[00:25:41] MG: Procuraram ele, lá na cidade, qual foi a cidade que vocês procuraram ele?

[00:25:46] CM: Aí mesmo em Altamira. Aí pessoal disse, rapaz, nós ia pra igreja, eles ia lá e nós começamos a ir pra igreja, ir pra igreja, aí...foi aí que nós nos entrosamos com ele.

[00:26:02] MG: Sei, mas você não, você não se batizou?

[00:26:07] CM: Não, nem eu nem a minha família.

[00:26:10] MG: Por que, heim, Mobu-Odó?

[00:26:11] CM: Porque a gente vê que negócio não é brincadeira, a gente sabe que, a gente batiza agora não é por nossa vontade, aí eu pensei, não, nós não vamos batizar não, todos que batizaram, todos voltaram a beber de novo, então isso aí que eu também não quero que aconteça comigo, porque eu vejo que esse negócio aí de ser evangélico é um negócio sério. Eu nunca brinquei com minha profissão, eu tenho essa confiança também no trabalho dos outros, então se eles estão pregando ali porque têm alguém por eles. Aí seu entrar nessa religião eu sei que vai vir coisa mau pra mim, eu fico pensando assim.

[00:26:59] AM: Ah, entendi.

[00:27:00] MG: Entendi.

[00:27:00] CM: Porque cada nós ser humano tem algo pra fazer, tem resultado qualquer pra fazer naquele negócio.

[00:27:12] MG: É, tem mesmo.

[00:27:14] CM: Aí então eu fico pensando, se são um pastor e nós ficar brincando, aí...esse Deus aí é muito sério.

[00:27:25] AM: Esse Deus aí é muito sério. E você quando está assim pensando e preocupado, você pensa em quê?

[00:27:34] CM: Eu penso assim mesmo, peço ajuda pra Deus, porque a gente ajoelha e reza, entrego tudo pra ele, ó, a gente reza.

[00:27:40] AM: Mas não é esse Deus não, é o seu Deus.

[00:27:45] CM: Nós frequenta esse. Mas só que os velhos também frequenta, essa igreja aí não fica ninguém na aldeia quando o pessoal tá aí.

[00:28:00] MG: Vai todo mundo lá pra dentro?

[00:28:00] CM: Todo mundo, não fica nenhum, nenhum mesmo na aldeia.

[00:28:05] AM: E a Iogó?

[00:28:06] CM: Iogó vai, o primeiro que vai é ela. Ela vai, ela tem amiga, mas só que eles não dá só batismo não, eles traz alguma coisa, que nem vocês mesmo, vocês não traz miçanga, traz aquelas coisas, mas só que eles traz mais coisas.

[00:28:23] MG: É, ele vêm aí dia 18, né, ou é 19?

[00:28:26] CM: Traz roupa, traz brinquedo pra meninada tudinho, traz muita coisa mesmo, até cesta básica eles já trouxeram, um monte de cesta básica pra cada família.

[00:28:43] MG: Muito bem.

[00:28:44] CM: Aí eles fala pra Deus não gostar.

[00:28:48] MG: Lá na aldeia do Jair lá, dá Xipáia, também tem pastor lá?

[00:28:52] CM: De quem?

[00:28:53] MG: Da aldeia do Jair, do Xipáia.

[00:28:56] CM: Ele mesmo é pastor.

[00:28:58] MG: Ah, o Jair mesmo é pastor?

[00:29:00] CM: É, aham.

[00:29:00] MG: Ah, veja. O Jair está lá a muito tempo, né?

[00:29:04] CM: Aham.

[00:29:06] MG: Antes de você virem pra cá, Jair já estava lá, os pais do Jair, não?

[00:29:10] CM: Tava.

[00:29:12] MG: Tava, né?

[00:29:12] CM: Tava, era Benedito que morava lá.

[00:29:15] MG: Benedito, isso mesmo, Benedito Xipáia, que era o pai do Jair.

[00:29:21] CM: Era.

[00:29:21] MG: E agora dividiu porque tem dois Jair, né? Tem um Jair que não é Jair e tem o Jair Jair, não é isso?

[00:29:27] CM: Aham.

[00:29:29] MG: Aí dividiu o outro Jair. Esse Jair que fez a nova aldeia é que é casado com o irmã da tua cunhada, é isso?

[00:29:36] CM: Não, é o irmão do Jair.

[00:29:38] MG: É o irmão do Jair.

[00:29:39] CM: É um negro, Antônio Xipáia.

[00:29:42] MG: Antônio Xipáia, isso mesmo, é, mas vocês se entendem bem, né?

[00:29:47] CM: Aham, só com o Léo nós não se entende.

[00:29:49] MG: É, com o Léo é o complicado, né, é o filho do Benedito.

[00:29:55] CM: Não, eu acho que não.

[00:29:57] MG: Ah o Léo, não, o Léo é o pastor, não?

[00:30:01] CM: Não. É um cacique lá do Cojubim.

[00:30:05] AM: É, o Cojubim.

[00:30:06] MG: É, é ele, é, é novo assim, com uns trinta e poucos anos, né?

[00:30:11] CM: É.

[00:30:11] AM: Mas porque você não se dá bem com ele?

[00:30:14] CM: É porque eu não gosto de [ver] pessoa assim, eu trabalho com meu povo, tentando agradar todo mundo, ele não, o que vem do PBA é pra ele tudo, ou pra família dele. Aí eu fico vendo, aí eu falo, eu falei uma vez com ele, "ó, ajuda o próximo, do jeito que tu precisa os outros também precisa, porque tu tá aqui representando o povo, tu não tá aqui como escravo não, o pessoal te agrada, faz tudo e pro teus irmão que é teus irmão tu não dá nada". Aí ele me respondeu, "mas se for assim dá um das tua, não vou dar o meu não". Falei, "poxa vida".

[00:30:51] MG: É, mas o que ele ganha não é dele, é da comunidade.

[00:30:54] CM: Não, é dele.

[00:30:55] MG: Ah, ele acha que é dele?

[00:30:56] CM: É dele, tudo é dele.

[00:30:59] MG: Tudo é dele?

[00:30:59] CM: E ninguém vai em cima dele.

[00:31:00] MG: É, mas aquela terra também não é dele.

[00:31:02] CM: Não é não.

[00:31:03] MG: Aquela terra é Arara.

[00:31:05] CM: Aí eu falei pra ele, toda reunião que eu vou participar eu falei esse viagem. Toda reunião que eu participar não quero que ele presença mais não. Agora pessoal tem medo, FUNAI tem medo de tu, Norte Energia tem medo de tu, eu não tenho medo de tu não. Eu sou índio e infelizmente você está morando de favor na nossa área. No começo, quando a minha sobrinha não era casada, tu via como era, ai ele falou, baixou a cabeça.

[00:31:33] AM: Ele é mais novo que você?

[00:31:35] CM: Não sei.

[00:31:36] MG: É mais ou menos da mesma idade, eu acho que ele têm 32/35 anos.

[00:31:38] CM: Mas ele falou, "não, nós não vamos ter que voltar ao passado não". Pois é, então tu tem que começar a olhar pros outros e tirar teu olho grande de cima das coisas do pessoal. Eu chego é duro mesmo com ele, eu não tem, o meu costume, o meu costume é esse, é de chegar e falar mesmo, o que eu tenho de falar eu falo, na frente de qualquer um. Um chegou pra mim com malcriação, não, esse aqui é o jeito de eu falar, é o jeito de eu tratar as pessoas, se eu sou tratado bem eu trato muito bem pessoas. Agora, se não for. Eu aprendi, meu pai me ensinava, "ó meu filho, as coisas é assim, se pessoa te tratar mal, vira as costas pra essa pessoa que não é pessoa boa". Então ele olhou bem no meu olho, "ó larga de ser liderança, quando eu sair tu sai, quando eu morrer num dia tu sai". Mas só que eu, pessoal foi, disseram, "não, tu continua, porque todo empreendimento que, hoje ninguém entende aqui, só tu mesmo, então pode..."

[00:32:54] MG: Tem que continuar, né?

[00:32:56] CM: Tem que continuar, mas não é fácil não, a vida que a gente leva, rapaz, vida de cacique não é fácil não, é muito difícil, não tem só a comunidade que tem o inimigo não, muito gente, esses fazendeiros tudo, madeireiro. A gente anda assim na, só não pode abaixar a cabeça, largar de mão o pessoal, nunca fiz isso.

[00:33:20] MG: Mobu-Odó, você sabe que aconteceu uma coisa muito estranha, muito surpreendente. Nós estávamos com as crianças ali no, acho que no pedral ali, tomando banho, banhando, e aí a professora Ana Maria disse assim, "ah, essa terra de vocês é muita bonita, é muito bom vocês terem essa terra". Aí o Pepe disse assim, o Pepe, sabe?

[00:33:50] AM: O filho do Ialt.

[00:33:50] CM: Filho do Ialt.

[00:33:52] MG: Filho do Ialt, pequenininho, disse assim, "é, madeireiro quer pegar as nossas terras, mas nós não vamos deixar não". Ele tem 4 anos.

[00:34:02] CM: Todo mundo conhece o problema.

[00:34:04] AM: Muito bom isso.

[00:34:05] MG: Muito bom, isso aí parabéns pela sua liderança.

[00:34:07] AM: É, é verdade.

[00:34:09] CM: Porque eles vê que...

[00:34:10] AM: Se um menino de 4 anos já sabe isso.

[00:34:14] CM: Todo mundo sabe, por isso que eu falo, rapaz, eu falo, o pessoal chega pra falar da área, não sei o que do Brasil, não quer entrevista não, pode embora. Eu não

dou entrevista, não falo nada não. To é abusado de vocês, já falei demais e não resolve, pode ir embora. Chega todo dia pessoa, "e aí, área de vocês, aumentou, não aumentou?" Não, fica assim.

[00:34:39] MG: Ah, essa área Arara foi a área mais invadida.

[00:34:43] CM: Do país!

[00:34:43] MG: Em 2018, do país. E foi a mais atacada com queimada e invasão esse ano, desde o começo do ano, não é? Teve já todo o tipo de...

[00:34:54] CM: Aí pessoal tá vindo [gringo] aí, eles vão...pessoal vai dançar, eu to pedindo, nós vamos ter que gravar vídeo. Vêm de lá pra cá, não é daqui pra lá que vai não. Aí nós vamos conversar com ele, [tem intérprete dele].

[00:35:09] MG: Mobu-Odó...

[00:35:11] CM: Aí a gente vai conversar com ele, última conversa também, nós não vamos ficar [?] não.

[00:35:16] MG: Mobu-Odó, a gente explicou pra você o trabalho da gente, de recuperação da memória.

[00:35:23] CM: Isso daí pra nós não tem nem como não agradecer vocês porque nós precisava muito desse trabalho de vocês.

[00:35:32] MG: Obrigado pela confiança.

[00:35:32] AM: Obrigado pela confiança.

[00:35:33] CM: Pessoal tá gostando muito e nunca chegou ninguém pra fazer o que vocês estão fazendo por nós.

[00:35:42] CM: Mas nós vamos fazer e queremos fazer mais.

[00:35:44] AM: É.

[00:35:44] CM: Aí pessoal tá vendo aí, tá empenhado, botei minha filha, qualquer coisa eu puxo orelha dela, "não, você vai ter que me ajudar, porque..."

[00:35:54] AM: Não, você está com um grupo de jovens ótimo.

[00:35:56] CM: Aham, ontem eu falei pra vocês, "ó, vocês não tão entrando pra vocês não, vocês tão entrando pra ajudar a gente, fotografar, gravar, saber se expressar, isso que eu quero".

[00:36:08] MG: É, e eles estão respondendo muito bem e o grupo é ótimo. Têm mais alguma coisa que você acha que a gente poderia fazer dentro desse projeto, você acha que, o que você acha, tem alguma coisa a mais que você acha que seria bom a gente fazer?

[00:36:26] CM: É assim mesmo, não, acho que mais do que isso não teria, porque nós só queria assim, formar esses meninos que já estão, nossos filhos e os jovens.

[00:36:40] MG: Isso aí você pode contar conosco.

[00:36:41] CM: Aí eles pensaram assim, perguntaram já pra mim, "Aí, será que nós vamos só fazer no início e depois nós fica parado?" Não, minha vontade não é isso, eu falei pra vocês, os professores de vocês que é Dona Ana Maria e Milton.

[00:36:57] AM: Se depender da gente, a gente, o que depender de mim e do Milton, a gente vai fazer, vai fazer mesmo. Acho que o Milton pode até falar melhor, acho que o único problema é... a situação política atual.

[00:37:20] CM: É mesmo.

[00:37:19] MG: Você tem todo o governo, tem a FUNAI, tem o Museu do Índio, não é? Mudou agora, por exemplo, quando a gente fez esse projeto, era um diretor no Museu do Índio, mudou o diretor do Museu do Índio, agora é outro, não é? O projeto continua, o projeto não vai acabar, mas mudou. Ai também, aqui na CR também mudou, Luciano me disse que ele vai sair, vêm outro no lugar do Luciano. Então existe toda uma conjuntura política. Agora, independente da conjuntura política...

[00:37:51] AM: A gente vai se empenhar.

[00:37:51] MG: Tem o contrato do projeto, então a gente tem um contrato pra voltar em dezembro e concluir essa parte do projeto.

[00:38:00] AM: E aí eu vou trazer os certificados dos meninos da universidade.

[00:38:04] MG: Isso é muito importante, cada um vai ganhar um certificado de que fez esse curso, da universidade, o que é uma coisa boa. E eu estava explicando pra eles hoje, que nenhuma aldeia da região aqui tem um projeto de recuperação de memória igual ao que a gente está fazendo aqui.

[00:38:23] AM: É de construção de memória mesmo, a gente está construindo essa memória junto com os antigos, junto com, quer dizer, é como se os tijolinhos estivessem ali na cabeça das pessoas e a gente está pegando e fazendo a casa, sabe? Pra botar no museu.

[00:38:37] MG: Ontem na pesca do Timbó foi muito bom, porque eles fotografaram o Timbó, entrevistaram o pessoal do Timbó, mas pegaram os velhos pra saber como era antigamente a pesca do Timbó. Quer dizer, juntou o que está acontecendo agora com o que aconteceu no passado, para guardar pro pessoal do futuro ver, essa é a ideia. E nós estamos também, você já viu porque a gente já fez isso com você, levantando a genealogia de todo mundo, pra montar o quadro com todo mundo da aldeia e vai ficar muito bom. Pois é, não sei, tem mais alguma coisa que você queira perguntar, Ana?

[00:39:19] AM: Eu não, eu só quero saber se ele quer perguntar alguma coisa pra gente.
[risos]

[00:39:23] AM: E agradecer a ele a confiança. Mobu-Odó, a confiança que você está tendo na gente é muito importante, eu me sinto muito prestigiada por você, por essa confiança. E eu espero te retribuir, e to gravando isso para deixar registrado, retribuir a altura daquilo, da confiança que você está depositando na gente, sabe?

[00:39:41] CM: Aham, sempre eu...

[00:39:42] AM: É, eu vou apresentar esse trabalho nos congressos, congresso no Brasil, fora do Brasil. Eu participo de associação internacional, então eu vou levar a imagem de vocês, eu vou levar a voz de vocês, assim, daquilo nos lugares que eu...

[00:39:56] CM: Nós temos que fazer mais pesca do Timbó.

[00:39:57] AM: É, nos lugares que eu puder ir.

[00:40:00] CM: Aquele lá o pessoal disseram que não tiraram muito bem foto, porque não apareceu peixe.

[00:40:06] AM: É.

[00:40:06] CM: Aí eu falei, "não, foi isso mesmo". Aí eles disseram, "nós tivemos tanto trabalho, nem um pouco de resultado", mas é isso mesmo que nós queria.

[00:40:13] AM: Mas é interessante porque a gente viu a técnica, do cipó amarrado.

[00:40:17] CM: Mas eles quer mostrar é o peixe [morrendo].

[00:40:19] AM: Ah, ele quer botar, é, a gente faz outra.

[00:40:20] MG: É, vai fazer outra pesca do Timbó.

[00:40:22] CM: Nós vamos fazer, vocês marca com ele, a gente está junto.

[00:40:26] MG: Tá bom.

[00:40:26] AM: Tá ótimo.

[00:40:26] MG: Essa placa "visitante leve seu lixo, ponha o lixo no...".

[00:40:31] CM: É pra Norte Energia.

[00:40:31] MG: É, foi Norte Energia que fez?

[00:40:34] CM: Não, foi nós mesmo.

[00:40:35] MG: Ah, vocês mesmo que fizeram?

[00:40:36] CM: É, são os alunos que fizeram.

[00:40:39] MG: Aham, eles fizeram essa placa pro pessoal de Norte Energia que vem aqui levar o lixo de volta.

[00:40:43] CM: Porque largava aí tudo, pacote de comida, as coisas deles. Aí só nosso lixo aqui já é muito pra nós, porque tá vindo muita coisa do branco.

[00:40:54] AM: Vocês não, é, posso te dar uma sugestão?

[00:40:57] CM: Pode dar.

[00:40:58] AM: Isso você coloca pra comunidade. De repente fazer uns cestos e ao invés das crianças jogarem o papel no mato, que o mato não come, joga dentro do cesto e bota li no [lado]

[00:41:08] CM: Nós estamos fazendo um projeto aí em conjunto com FUNAI, a saúde, todo mundo junto, de recolher lixo, e assim, um projeto, é que demora o projeto.

[00:41:17] MG: É, demora.

[00:41:19] AM: Eu tenho falado com as crianças.

[00:41:21] CM: Aham, aí eles disseram que eles quer trazer uma balsa de, todo mês, ou dois em dois meses parece, pra coletar o lixo.

[00:41:29] MG: Ah, isso é a melhora coisa.

[00:41:29] AM: Isso é bom.

[00:41:30] CM: Aí eles levam pra cidade.

[00:41:30] MG: É o lixo, esse lixo não-reciclável.

[00:41:33] AM: Lixo não reciclável, que é o papel, papel de bala, papel de alimento.

[00:41:37] MG: Plástico.

[00:41:37] AM: Plástico, bolsa de plástico. Isso vai pro rio, o peixe come, acabou o peixe.

[00:41:44] CM: Ja vimos mesmo o resultado.

[00:41:44] MG: Por falar em acabar peixe, eu vou acabar aqui a gravação da entrevista. Muito obrigado Mobu-Odó por esse momento com a gente, por tudo isso e a gente está aí a sua disposição para recolher novas opiniões suas quando você achar que é a hora, tá bom? Obrigado, obrigado, tchau.

[00:42:03] CM: Não, mas vocês contar assim, as coisas estão acontecendo depois do que eu assumi, tudinho eu sei.

[00:42:09] MG: Tá certo.

[00:42:09] AM: Ah, isso é bom.

[00:42:11] MG: Isso é bom. Então estamos juntos Mobu-Odó, muito obrigado.

[00:42:14] CM: Qualquer hora nós faz entrevista aí.

[00:42:14] MG: Faz entrevista de novo.

[00:42:16] AM: De novo.

[00:42:16] MG: Obrigado Mobu-Odó.

[00:42:16] AM: Obrigado Mobu-Odó.

[00:42:18] CM: De nada.